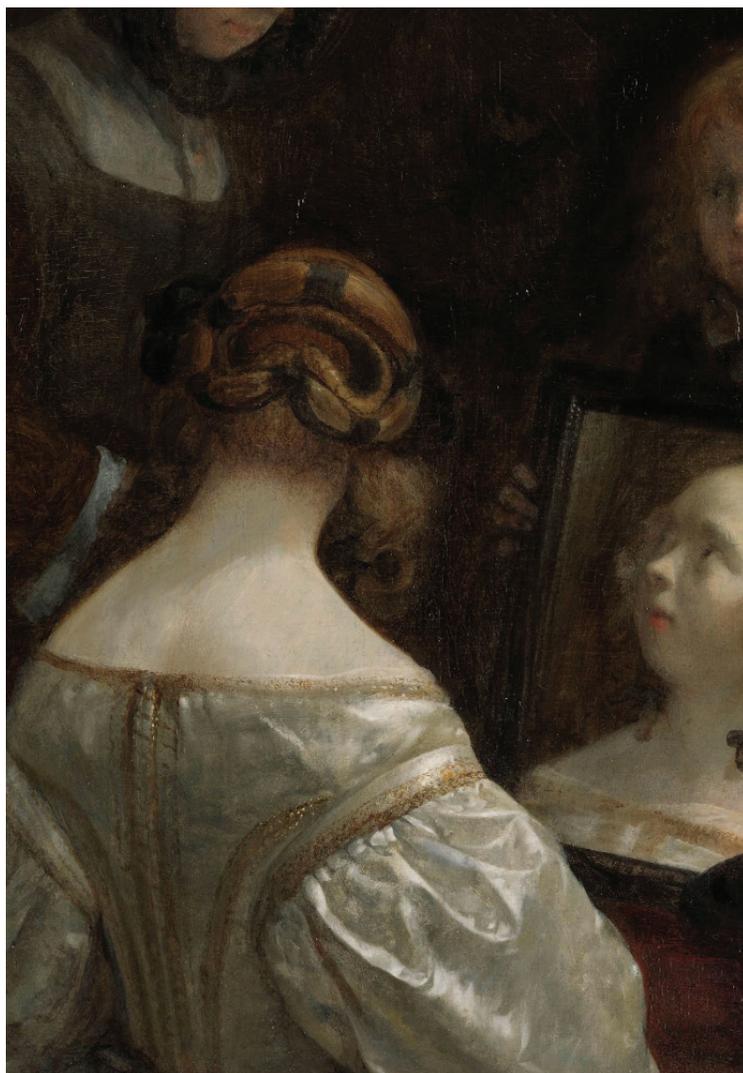


Cadernos Espinosanos



ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 47 jul-dez 2022 ISSN 1413-6651

IMAGEM detalhe de 'Mulher no Espelho' (1652) do
influente pintor neerlandês Gerard ter Borch II.

CARTAS DE GOTTFRIED W. LEIBNIZ
A PE. DE BOSSES (CARTAS 1-3)

Beatriz Cardoso Silveira
Graduanda, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil
beatriz.cardoso.silveira@usp.br

Sacha Zilber Kontic
Professor, Universidade Federal de São Carlos
Pós-doutorando, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil
szkontic@gmail.com

Revisão técnica: Tessa Moura Lacerda
Professora, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil
tessalacerda@usp.br

As cartas a seguir fazem parte de uma coleção de 37 cartas de Gottfried W. Leibniz ao Pe. Bartolomeu Des Bosses escritas entre 1706 e 1716. A tradução foi feita com base no Tomo II dos *Philosophische Schriften* de Gerhardt e também nos Tomos II e VI do *Opera Omnia* de Dutens. Junto a elas, utilizamos a edição bilíngue *The Yale Leibniz* (2007) de Brandon C. Look e Donald Rutherford, a tradução francesa de Christiane Frémont presente no livro *L'être et la Relation* (1999) e o volume 14 das *Obras Filosóficas y científicas* (2007). As cartas aqui traduzidas fazem parte do projeto de iniciação científica *Corpos além dos fenômenos: vínculo substancial e substância composta em Leibniz* (processo 2021/04467-7) financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). O presente trabalho também foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil (processo 165892/2020-0).

Plurimum Reverende Pater

Cum maximo in veritatem affectu ferar, valde omnes complector quibus illa curae est, eoque magis laetor TE vicinum et amicum, cui amica est veritas, et mea nonnullius ad eam constituendam usus videntur.

Nos quoque Roma intelleximus inter paucos qui comitia vestra in se vertunt, haberi et Ptolemaeum. Addebantur et Alemannus, et Tamburinus quem Thyrsus Gonsales vicarium interim designarat. Ego perspecta et coram et per literas virtute et doctrina Ptolemaei, laetus ac lubens gratulabor viro insigni vestrae societatis praefecturam. Neque enim dubito praeclara privati consilia in magistratu efficaciora fore.

Cum non pauci egregii viri ex vestro ordine aliisque laudabilem operam posuerint in concilianda vetere et nova philosophia; tecum tamen sentio, quaedam desiderari adhuc, aliqua non recte exponi. Nam Honoratus Fabrius (cum quo aliquod juveni mihi commercium fuit), vir utique in naturae quoque cognitione plurimum versatus (quod miratus sum) nimium et tamen non satis concessit recentioribus, aut asseruit Scholae. Nam arcem Peripati, quam debebat tueri maxime, nempe Animas Brutorum, analogasque illis Entelechias, una excepta humana prodidit adversariis, dum interea exteriora quaedam propugnacula longe semota, nec defensionis patientia, nempe quasdam qualitates ἀρρητόνς, quas tanquam primitivas assumpsit, velut gravitatem et tensionem, magna cura servavit. Cum tamen in promptu sit, salva summa peripateticae doctrinae utramque petere a motu insensibilis materiae, corporumque raritatem et densitatem (unde vis tensorum, vulgo Elastica) ad instar

Reverendíssimo Padre.

Minha grande afeição pela verdade me faz receber calorosamente todos aqueles que cuidam dela. E me alegro ainda mais por ter-vos como próximo e amigo, vós a quem a verdade é uma amiga e que, para estabelecê-la, pareceis encontrar algum uso em meus escritos.

Notamos também que é sobretudo Tolomei que Roma conta entre os poucos que se mostram favoráveis em vossas assembleias. Se somavam [a ele] Alemanni e Tamburini, a quem Tirso Gonzáles havia nesse ínterim nomeado como suplentes. Quanto a mim, por ter reconhecido a virtude e a doutrina de Tolomei, tanto por cartas como pessoalmente, devo felicitá-lo com alegria pela liderança de vossa Sociedade. E não tenho dúvidas de que os conselhos esplêndidos do homem no privado serão ainda mais eficazes no magistrado.

Embora muitos homens distintos, de vossa Ordem e de outras, tenham feito um trabalho louvável para reconciliar a velha e a nova filosofia, concordo convosco que algumas coisas ainda não foram consideradas e que outras não foram explicadas corretamente. Certamente Honoré Fabri (com quem mantive alguma relação em minha juventude), um homem que também era muito versado na investigação da natureza (o que eu admirava), concedeu muito e, todavia, não o suficiente aos modernos ou concordou muito e não o suficiente com a Escola. Ele entregou ao inimigo a fortaleza Peripatética, que deveria ter protegido acima de tudo – a saber, as almas dos animais e as Enteléquias que lhes são análogas, com exceção da alma humana – enquanto preservou com grande cuidado fortificações exteriores muito distantes e impossíveis de serem defendidas, a saber, certas qualidades ocultas [ἀρρητονς], como a gravidade e a tensão, que ele assumiu como primitivas. Embora salte à vista que, mantendo a salvo o essencial da doutrina peripatética, ambas podem ser tiradas do movimento da matéria insensível e conceber a raridade e densidade dos corpos (de onde surge a força de tensão, vulgarmente força elástica) à maneira de uma esponja, cujos

spongiae concipere animo cuius spatia fluidum pervadit, quod aegre patitur consuetos sibi terminos mutatos mutari.

TE vero, Vir Eximie, cum rectum iter ingredi videam emendandae atque exornandae philosophiae ad usum Scholae, ut juvenus non poenitendis principiis imbuatur, etiam atque etiam (pro ea quam mihi indulges libertate) hortari audeo, ne in re tanta Reipublicae, imo Ecclesiae desis. Et Theologiam docenti ubique sese offert Philosophia.

Pro cursu philosophico ampliore, quem nunc non patitur tempus Tuum, Breviarium Philosophicum condi suaderem, quale olim Eustachius a S. Paulo confecit: id auditoribus Theologiae Tuis προχείρου loco foret, aliquando per Typos et in caeteros iturum.

Fateor me adolescentem etiam Scholae spinas attigisse nonnihil, praeter morem nostrorum, neque id fecisse unquam poenituit et alioqui eo semper animo fui ut mallem recepta emendari quam everti. Inde natae sunt mihi conciliatoriae Meditationes, quibus pro humanitate Tua tantopere faves. In quibus ad usum transferendis, si quae TIBI occurrunt dubitationes, conabor satisfacere aut certe ita exponere mentem meam ut pro acerrimo iudicio TUO ipse commodius de iis constituere possis.

Et jam nunc accedo ad quaestionem quam proponis, an et quomodo conciliari possit virtus activa Creaturarum cum concursu DEI immediato ad quamvis Actionem Creaturae. Nam hoc concursu admissio vereris, ne virtus activa creaturae redigatur ad meros terminos facultatis. Ego agnosco concursum DEI ita necessarium esse, ut posita quacunque virtute Creaturae non esset secutura Actio, si DEUS subtraheret concursum: sentio etiam nec ipsam vim activam, imo nec facultatem nudam extitutam in rebus

espaços são penetrados por um fluido, e que suporta mal as mudanças de seus limites costumeiros.

Quanto a vós, exímio homem, visto que vejo-vos ingressar no justo caminho de emendar e municiar a filosofia para o uso da Escola para que os jovens não sejam imbuídos de princípios questionáveis, atrevo-me a exortar-vos reiteradamente (com essa liberdade que me concedeis) a não se ausentar de algo de tão grande importância para a República das Letras, bem como para a Igreja. Quem ensina Teologia se encontra com a Filosofia em toda parte.

Ao invés de [redigir] um mais amplo curso de filosofia, coisa que vosso tempo agora não vos permite, sugiro que redijais um Sumário Filosófico, como o fez outrora Eustáquio de São Paulo. Ele auxiliará os ouvintes de vossas palestras de Teologia e, quando publicado [προχείρου], algum dia alcançará os demais.

Confesso que, quando jovem, toquei não poucas vezes alguns espinhos da Escola (mais do que é costume para os nossos) e nunca me arrependi de ter feito isso; em geral, sempre fui mais do ânimo de emendar as opiniões recebidas do que de derrubá-las. Daí vieram a mim essas Meditações conciliatórias, às quais, por vossa benevolência, sois tão favorável. Se, ao fazerdes uso delas, vos ocorrerem dúvidas, me esforçarei para satisfazê-las ou, pelo menos, explicar meu pensamento de modo que, empregando vosso muito agudo juízo, possais resolvê-los mais comodamente.

Agora chego à pergunta que propondes, a saber, se e de que maneira se pode conciliar a força ativa das Criaturas com o concurso imediato de Deus para qualquer ação da Criatura. Pois temeis que, admitido esse concurso, a força ativa da criatura se reduza a meros termos de faculdade. Reconheço que o concurso de Deus é necessário, de maneira que, dada a força, por maior que seja, da Criatura, a ação não se seguiria se Deus subtraísse seu concurso; também penso que nem a própria força ativa, nem mesmo uma faculdade nua, existiriam nas coisas sem o concurso divino; pois, afirmo, em geral, que tudo o que há de perfeição nas coisas se segue da operação

sine concursu divino; quoniam in genere statuo, quantum in rebus est perfectionis, tantum a DEO perpetua operatione profluere. Non tamen video quomodo hinc virtus ad facultatem redigatur. Nam in virtute activa arbitror esse quandam actionis atque adeo concursus ad actionem divini exigentiam (ut vestri loquuntur), quamvis resistibilem, fundatam in Legibus naturae per sapientiam divinam constitutis, quae Exigentia in nuda facultate non inest. Ex vi activa (quae scilicet conatum involvit) sive ex Entelechia sequitur Actio si modo accedat concursus DEI ordinarius. Ex facultate vero, accedente licet eo concursu qui requiritur ad virtutem, Actio non sequetur. Itaque concursus DEI, actioni creaturae necessarius, qui sufficit ad virtutem, non sufficit ad facultatem: quia scilicet virtus ipsa jam constituta fuit per anteriorem quendam DEI concursum, qualem non habuit nuda facultas.

In mea responsione aliqua Cl. Sturmio data Actisque Lipsiensibus inserta reperies demonstrationem (ut mihi videtur) Geometricis parem, quae ostendit posita quam Cartesiani statuunt, plenitudine rerum, et uniformitate materiae, motuque solo accedente, semper aequivalentia sibi substitui perinde ac si tantum rota perfecte uniformis circa suum axem ageretur, aut orbis concentrici ex materia perfecte similari volverentur: Atque ita statum unius momenti a statu alterius momenti distingui non posse, ne ab Angelo quidem. Ergo nec in phaenomenis varietas existere posset: adeoque praeter figuram magnitudinem et motum admitendas esse formas, per quas distinctio apparentiarum in materia oriatur quae non video unde intelligibiliter peti queant, nisi ab Entelechiis.

Quae olim ad Ptolemaeum misi per Canonicum Cathedralem Hildesiensem Baronem de Reuschemberg,

perpétua de Deus. No entanto, não vejo de que maneira isso reduz a força a uma faculdade. Pois considero que há na força ativa uma certa exigência (como os vossos dizem) de ação, e assim do concurso divino para a ação, embora resistível, fundada nas Leis da natureza constituídas pela sabedoria divina; e essa exigência não inere à faculdade nua. Da força ativa (que certamente envolve o esforço) ou da Enteléquia se segue a ação, contanto que se acrescente o concurso ordinário de Deus; mas da faculdade, ainda que se acrescente o concurso requerido para força, não se segue a ação. E assim o concurso de Deus, que é necessário para a ação da criatura, e que é suficiente para a força, não é suficiente para a faculdade, pois a própria força já foi constituída por um concurso anterior de Deus que a faculdade nua não teve.

Em uma espécie de resposta que dei ao célebre Sturm, inserida nas *Atas* de Leipzig², há uma demonstração semelhante (me parece) àquela dos geômetras que mostra que, posta a plenitude das coisas e a uniformidade da matéria (como fazem os cartesianos), e acrescentando a elas apenas o movimento, se obtém sempre uma sucessão de coisas equivalentes; tal como se uma roda perfeitamente uniforme fosse movida ao redor de seu eixo, ou como se círculos concêntricos de matéria perfeitamente similar fossem girados: então não se pode distinguir o estado de um momento do estado de um outro, nem mesmo por algum Anjo. Não poderia existir, portanto, nenhuma variedade nos fenômenos: assim, além da figura, da grandeza e do movimento, cumpre admitir as formas, pelas quais se origina a distinção das aparências na matéria; e não vejo como essas formas poderiam ser buscadas de maneira inteligível senão nas Enteléquias.

Seria difícil para mim encontrar agora, enterradas como estão sob um monte de folhas, as páginas que enviei outrora a Tolomei por intermé-

magna jactura boni publici immatura morte extinctum; ea nunc immersa acervo schedarum aegre reperirem. Venient tamen in manus digesturo hanc molem, ut subinde facere soleo, faxoque ut videas, quanquam aliquid novi TIBI vix dabunt.

Cum Gallus vestrae societatis vir doctus et ingeniosus quaedam contra meam explicationem consensus inter animam et corpus objecerit, quod scilicet proprie non explicet ipsam Unionem: respondi consilium mihi fuisse tantum phaenomena explicare: Unionem autem neque ex numero esse phaenomenorum, nec satis haberi descriptam, ut ejus interpretationem aggredi audeam. Hujus responsionis in Galliam missae apographum Tibi mitto, rogoque ut aliquando remittas, quia aliud non habeo. Quod superest vale et fave.

Dabam Hanoverae 2 Febr. 1706.

Deditissimus

Godefridus Guilielmus Leibnitius.

dio do Barão de Reuschenberg, Cônego da Catedral de Hildesheim, que morreu cedo demais, para o infortúnio do bem público; mas irei encontrá-las novamente assim que colocar essa imensa massa de folhas em ordem (o que faço de vez em quando); farei isso para mostrar-vos, mas dificilmente encontrareis algo de novo nelas.

Quando um francês de vossa Sociedade, um homem douto e engenhoso, objetou contra minha explicação do acordo da alma e do corpo, a saber, que ela não explica adequadamente a própria União, eu respondi que minha intenção foi explicar apenas os fenômenos, e que a União não está entre os fenômenos; e que ela não está suficientemente descrita para que eu ouse interpretá-la. Mando-vos a cópia da resposta enviada à França e peço por favor que devolvais a mim um dia pois não tenho outra cópia. Ademais, vos desejo saúde e vosso favor.

De Hanôver, 2 de fevereiro de 1706.
Incondicionalmente a vosso dispor,
Gottfried Wilhelm Leibniz.

EPISTOLA 14 FEBRUARII 1706.

Plurimum Reverende Pater

Vereor, ut quem mihi defers honorem, dum de abstrusioribus quaeris, mereri satis possim. Dico tamen sententiam, quia jubes et boni consulis.

Ens et Unum converti Tecum sentio; Unitatemque esse principium numeri, si rationes spectes, seu prioritatem naturae, non si magnitudinem: nam habemus fractiones, unitate utique minores in infinitum.

Continuum in infinitum divisible est. Idque in Linea Recta vel ex eo constat, quod pars ejus est similis toti. Itaque cum totum dividi possit, poterit et pars, et similiter quaevis pars partis. Puncta non sunt partes continui sed extremitates, nec magis minima datur pars lineae, quam minima fractio Unitatis.

Infinitum actu in natura dari non dubito, positaque plenitudine mundi, et aequabili divisibilitate materiae, sequitur ex legibus motus varii, quodvis punctum moveri motu diverso a quovis alio assignabili puncto. Sed nec aliter sibi pulchritudo rerum ordoque constaret. Neque video, cur hoc refugere debeamus. Quae contra objiciuntur, responsionem, ni fallor, patiuntur, et falsis hypothesis niti solent.

Non datur progressus in infinitum in rationibus universalium seu aeternarum veritatum, datur tamen in rationibus singularium. Ideo singularia a mente creata perfecte explicari aut capi non possunt, quia infinitum involvunt. Majora pendent a minoribus, et haec ab aliis adhuc minoribus.

Scholastici aliquando fortasse potentiam intellexere, quae esset cum conatu; communiter tamen rem aliter accepisse putem. Sic Risivitas in homine (vulgo Risibilitas) non

CARTA DE 14 DE FEVEREIRO DE 17063

Reverendíssimo Padre.

Temo não poder merecer suficientemente a honra que me concedeis ao fazer-me perguntas sobre questões tão difíceis. Todavia, direi minha opinião, pois vós a pedis e a examinais favoravelmente.

Considero convosco que o Ser e o Um são recíprocos e que a Unidade é o princípio do número, se considerais as razões ou a prioridade da natureza, mas não se considerais a grandeza, pois de qualquer maneira temos frações que são menores ao infinito do que a unidade.

O contínuo é divisível ao infinito. E isso é constante na linha reta ou no que se forma a partir dela, visto que a parte dela é semelhante ao todo. E assim, uma vez que o todo pode ser dividido, a parte também [pode sê-lo], e de forma similar qualquer parte da parte. Os pontos não são as partes de um contínuo, mas extremidades, e não se dá a menor parte de uma linha mais do que a fração mínima da unidade.

Não duvido que se dê o infinito em ato na natureza e, uma vez postuladas a plenitude do mundo e a divisibilidade uniforme da matéria, segue das leis do movimento variado que um ponto qualquer é movido por um movimento diferente daquele de qualquer outro ponto assinalável. Pois, se assim não fosse, não haveria nem ordem nem beleza nas coisas em si mesmas. Também não vejo por que devemos evitar aqui [essa conclusão]. Se não estou enganado, há uma resposta às objeções [levantadas] contra ela, e elas geralmente se baseiam em falsas hipóteses.

Não se dá um progresso ao infinito nas razões das verdades universais ou eternas, todavia, ele é dado nas razões dos singulares. É por isso que uma mente criada não pode apreender ou explicar perfeitamente os singulares, pois eles envolvem o infinito. Os maiores dependem dos menores, e estes de outros ainda menores.

Talvez os escolásticos tenham por vezes concebido uma potência que é acompanhada de esforço; todavia, julgo que a coisa foi comumente admitida de outra forma. Assim, a risibilidade (comumente [chamada de] risibilidade)

significat risurum hominem, si nemo impediatur, sed risurum, si occasio ridendi offeratur. Itaque cum potentiam requisitis omnibus positis necessario agere dixere, inter requisita credo posuere occasionem sollicitantem.

Violentum admitto utique, neque a communi sermone recedendum puto, qui ad apparentia refertur; eo fere modo, quo Copernicani de motu Solis loquuntur cum vulgo. Simili modo loquimur de casu et fortuna.

In motu concedo utique esse aliquid ultra vim ad mutationem nitentem, nempe ipsam Mutationem.

In aqua non magis substantialem Unitatem esse puto, quam in grege piscium eidem piscinae innatantium.

Cum animam nihil in materia producere ajo, tantum intelligo per animam non mutari leges motuum materiales. Alioqui anima est Entelechia seu potentia activa primitiva in substantia corporea, per quam Materia seu ejusdem substantiae potentia passiva primitiva perficitur, et horum primitivorum modificatione in ipsa substantia corporea actiones passionisque nascuntur.

Sturmium puto fuisse amantem veritatis, sed praejudiciis occupatum mea non satis attente considerasse.

Responsionem ad Turnamini objectionem (sic satis jam veterem, sed mihi serius observatam) misi in Galliam nuper, sed nondum accepi redditam. Ita nescio, quis sit nunc status diarii Trivultiani. Spero tamen verum non fore, quod de cessatione ejus dictum est. Interim metuo, ne forte autoribus nocuerit, quod interdum res Theologicas liberius nec sine affectu tractant, et aliquando in alios paulo aculeatius dicunt.

Gaudeo, consilium de condendo Breviario philosophico Tuis destinatis consentire. Et omnino sentio, de multis non bene decerni, nisi omnia sint in conspectu.

no homem não significa que o homem rirá se ninguém o impedir, mas que rirá se lhe for oferecida a ocasião de rir. Portanto, quando se diz que a potência age necessariamente quando todos os requisitos estão postos, creio estar posto entre os requisitos a ocasião solicitante.

De todo modo, admito o [movimento] violento, e julgo que cumpre não se afastar dos modos comuns de falar que se referem às aparências, da mesma maneira que os copernicanos falam com o vulgo sobre o movimento do Sol. Falamos de maneira semelhante sobre o acaso e a fortuna.

Concedo que no movimento há, certamente, algo além da força que tende para a mudança, a saber, a Mudança ela mesma.

Julgo que não há mais unidade substancial na água do que em um cardume de peixes nadando no mesmo aquário.

Quando digo que a alma não pode produzir nada na matéria, entendo apenas que as leis materiais do movimento não podem ser alteradas pela alma. De resto, a alma é uma Enteléquia ou uma potência ativa primitiva na substância corpórea, pela qual a Matéria ou a potência passiva primitiva desta mesma substância se completa, e é destas [potências] primitivas que nascem as ações e paixões na própria substância corpórea.

Julgo que Sturm foi um amante da verdade; mas, ocupado por preconceitos, ele não considerou suficientemente meus escritos.

Recentemente, enviei à França uma resposta à objeção de Tournemine (por mais que já fosse bastante antiga, a vi um pouco tarde), mas ainda não recebi uma resposta. Portanto, não sei qual é a situação do *Journal de Trévoux* agora. Espero, porém, que o que foi dito sobre sua cessação não se revele verdade. No entanto, temo que talvez tenha sido prejudicial para os autores, já que às vezes tratam os assuntos teológicos com muita liberdade e não sem emoção, e às vezes falam uns contra os outros de uma forma um pouco mordaz.

Estou feliz que o plano para estabelecer um Sumário filosófico esteja de acordo com vossos desígnios. E, em geral, acredito que muitas coisas não são bem discernidas a menos que tudo esteja diante dos olhos.

Vereor, ut frui colloquio Tuo possim proximo Paschali festo. Nam non Brunsvigam tantum, sed et Berolinum excurrendum est mihi. Spero tamen alias affuturam fortunam voto meo. Interea vale et omnia ex sententia gere, ut respublica literaria Tuis praeclaris lucubrationibus mature fruatur, et mihi favere perge.

Dabam Hanoverae 14 Febr. 1706.
Deditissimus
Godefridus Guilielmus Leibnitius

PS. Cum ubique Monades seu principia unitatis substantialis sint in materia, consequitur hinc quoque infinitum actu dari, nam nulla pars est aut pars partis quae non monades contineat.

Receio não poder desfrutar de vossa conversação durante o feriado da Páscoa que se aproxima, pois devo viajar não apenas para Brunsvique, mas também para Berlim. Espero, entretanto, que em outra ocasião a fortuna satisfaça minha promessa. Enquanto isso, fique bem, faça tudo para que a República das Letras possa em breve desfrutar de vossas iluminadas elucubrações e pense favoravelmente em mim.

De Hanôver, 14 de fevereiro de 1706.
Incondicionalmente a vosso dispor,
Gottfried Wilhelm Leibniz.

PS. Visto que as mônadas ou os princípios de unidade substancial estão em toda parte na matéria, segue-se disso que é dado o infinito em ato; pois não há parte, ou parte de uma parte, que não contenha mônadas.

Plurimum Reverende Pater.

Hoc incommodo tempore, valetudinis causa non-nihil distuli iter. Cum dubitationes Tuae res gravissimas et difficillimas attingant, aequi bonique consules, si praestem, non quae postulat rei dignitas, exigitque acumen Tuum, sed quae ferunt vires meae.

Ens et unum convertuntur, sed ut datur Ens per aggregationem, ita et unum. Etsi haec Entitas Unitasque sit semimentalis.

Numeri, Unitates, Fractiones naturam habent Relationum. Et eatenus aliquo modo Entia appellari possunt. Fractio unitatis non minus est unum Ens, quam ipsa unitas. Nec putandum est, unitatem formalem esse aggregatum fractionum, cum simplex sit ejus notio, conveniens divisibilibus et indivisibilibus, et indivisibilium nulla sit fractio. Etsi materialis unitas seu in actu exercito (sed in genere sumta) apud Arithmeticos ex duabus medietatibus, cum subjectum earum capax est, componatur, ut sit $1/2 + 1/2 = 1$ seu ita verbi gratia, ut valor grossi sit aggregatum valoris duorum semigrossorum. Caeterum ego de substantiis loquebar. Animalis igitur fractio seu dimidium animal non est unum per se Ens, quia non nisi de animalis corpore intelligi potest, quod unum per se Ens non est, sed aggregatum, unitatemque Arithmeticam habet, Metaphysicam non habet. Ut autem ipsa materia, si Entelechia adaequata absit, non facit unum Ens, ita nec ejus pars. Nec video, quid impediatur, multa actu subjici uni Entelechia; Imo hoc ipsum necesse est. Materia (nempe secunda) aut pars materiae existit ut grex aut domus, seu ut Ens per aggregationem.

Reverendíssimo Padre.

Este tempo incômodo fez-me adiar um pouco a partida para preservar minha saúde. Visto que vossas dúvidas tocam em questões muito sérias e difíceis, ficareis satisfeito se eu fornecer não o que a gravidade do assunto requer e vosso discernimento exige, mas o que minhas forças me permitem.

O Ser e o Um são conversíveis, mas, assim como é dado um ser por agregação, é também dado um ser uno, ainda que esta Entidade e Unidade sejam semi-mentais.

Números, Unidades e Frações têm a natureza das Relações. E, nessa medida, eles podem de alguma maneira ser chamados de Seres. A fração da unidade não é menos um Ser do que a própria unidade. Nem se deve julgar que uma unidade formal é um agregado de frações, pois a noção dela é simples, que convém a divisíveis e indivisíveis, e não há nenhuma fração dos indivisíveis. E, entretanto, a unidade material ou exercida em ato (mas considerada de modo geral) é composta, segundo os aritméticos, de duas metades quando o sujeito é capaz de contê-las, de modo que $1/2 + 1/2 = 1$, ou, por exemplo, o valor de um groschen é o somatório do valor de dois meios-groschen. No entanto, eu falava sobre substâncias. A fração de um animal, ou um meio animal, portanto, não é um Ser *per se*, pois ele só pode ser entendido a partir do corpo do animal, que não é um Ser *per se*, mas um agregado, e que tem unidade aritmética e não metafísica. Mas, assim como a própria matéria que, se carece de uma entelêquia adequada, não constitui um Ser, o mesmo ocorre com sua parte. Nem vejo o que impediria muitas coisas em ato se submeterem a uma única entelêquia; pelo contrário, é necessário que seja assim. A matéria (a saber, a segunda), ou uma parte da matéria, existe da mesma maneira que um rebanho ou uma casa, isto é, como um Ser por agregação.

Infinitum actu in magnitudine non aequè ostendi potest ac in multitudine.

Argumenta contra infinitum actu supponunt: hoc admissio dari Numerum infinitum, item infinita omnia esse aequalia. Sed sciendum, revera aggregatum infinitum neque esse unum totum aut magnitudine praeditum, neque numero constare. Accurateque loquendo loco numeri infiniti dicendum est plura adesse, quam numero ullo exprimi possint; aut loco lineae Rectae infinitae, productam esse rectam ultra quamvis magnitudinem, quae assignari potest, ita, ut semper major et major recta adsit. De essentia numeri, lineae et cujuscunque Totius est, esse terminatum. Hinc etsi magnitudine infinitus esset mundus, unum totum non esset, nec cum quibusdam veteribus fingi posset Deus velut anima mundi, non solum, quia causa mundi est, sed etiam quia mundus talis unum corpus non foret, nec pro animali haberi posset, neque adeo nisi verbalem haberet unitatem. Est igitur loquendi compendium, cum unum dicimus, ubi plura sunt quam uno toto assignabili comprehendi possunt, et magnitudinis instar efferimus, quod proprietates ejus non habet. Quemadmodum enim de Numero infinito dici nequit, par sit an impar; ita nec de recta infinita, utrum datae rectae sit commensurabilis an secus; ut adeo impropriae tantum hae de infinito velut una magnitudine sint locutiones, in aliqua analogia fundatae, sed quae si accuratius examines, subsistere non possunt. Solum absolutum et indivisibile infinitum veram unitatem habet, nempe Deus. Atque haec sufficere puto ad satisfaciendum omnibus argumentis contra infinitum actu, quae etiam ad infinitum potentiale suo modo adhiberi debent. Neque enim negari potest, omnium numerorum possibilium naturas revera dari, saltem in divina mente, adeoque numerorum multitu-

O infinito atual não pode ser mostrado na grandeza como [pode ser mostrado] na multiplicidade.

Os argumentos contra o infinito atual supõem que, uma vez que ele for admitido, é dado um número infinito; da mesma maneira, todos os infinitos serão iguais. Mas importa estar ciente que um agregado infinito não é de fato um todo ou algo dotado de grandeza, e que não pode ser numerado. E fala-se com precisão quando, no lugar de “número infinito”, diz-se que há mais coisas do que podem ser expressas por qualquer número; ou, no lugar de uma “linha reta infinita”, diz-se que ela se estende além de qualquer grandeza atribuível, de modo que há sempre uma reta sucessivamente maior. É da essência do número, da linha e de um todo qualquer ser limitado. Consequentemente, mesmo se o mundo fosse infinito em grandeza, ele não seria um todo, nem poderíamos, como certos autores antigos, imaginar Deus como a alma do mundo, não só porque Ele é a causa do mundo, mas também porque tal mundo não seria um corpo, nem poderia ser tomado por um animal e, portanto, não teria unidade senão a verbal. É, portanto, pela brevidade da linguagem que dizemos “um” onde há mais coisas do que pode ser compreendido em um todo assinalável, e que expomos como se fosse uma grandeza algo que não tem as propriedades dela. Assim, do mesmo modo que não se pode dizer de um número infinito se ele é ímpar ou par; também não se pode dizer de uma linha infinita se ela é ou não comensurável com uma linha dada; de modo que essas maneiras de falar do infinito como uma grandeza, que são fundadas em alguma analogia, mas que não podem ser sustentadas se examinadas de modo acurado, são apenas impróprias. Somente o infinito absoluto e indivisível tem uma verdadeira unidade, a saber, Deus. E julgo que isso é o suficiente para satisfazer todos os argumentos contra o infinito atual, e que também deve ser aplicado ao infinito potencial a seu modo. Pois não se pode negar que realmente são dadas as naturezas de todos os números possíveis, pelo menos na mente divina e, assim, que a multiplicidade de números é infinita.

dinem esse infinitam.

Ego philosophice loquendo non magis statuo magnitudines infinite parvas quam infinite magnas, seu non magis infinitesimas quam infinituplas. Utrasque enim per modum loquendi compendiosum pro mentis fictionibus habeo, ad calculum aptis, quales etiam sunt radices imaginariae in Algebra. Interim demonstravi, magnum has expressiones usum habere ad compendium cogitandi adeoque ad inventionem; et in errorem ducere non posse, cum pro infinite parvo substituere sufficiat tam parvum quam quis volet, ut error sit minor dato, unde consequitur errorem dari non posse. R. P. Gouye, qui objecit, non satis videtur mea percepisse.

Caeterum ut ab ideis Geometriae, ad realia Physicae transeam; statuo materiam actu fractam esse in partes quavis data minores, seu nullam esse partem, quae non actu in alias sit subdivisa diversos motus exercentes. Id postulat natura materiae et motus, et tota rerum compages, per phisicas, mathematicas et metaphisicas rationes.

Cum dico, nullam partem materiae esse, quae non monades contineat, exemplo rem illustro corporis humani vel alterius animalis, cujus quaevis partes solidae fluidaeque rursus in se continent alia animalia et vegetabilia. Et hoc puto iterum dici debere de parte quavis horum viventium et sic in infinitum.

Nullam Entelechiam puto affixam esse certae parti materiae (nempe secundae) aut quod eodem redit, certis aliis Entelechiis partialibus. Nam materia instar fluminis mutatur, manente Entelechia, dum machina subsistit. Machina habet Entelechiam sibi adaequatam, et haec machina alias continet machinas primariae quidem Entelechiae inadaequatas, sed propriis tamen sibi adaequatis praeditas et a priori totali separabiles. Sane et Schola formas partia-

Falando filosoficamente, eu não admito mais quantidades infinitamente pequenas do que infinitamente grandes, ou não mais infinitesimais do que infinitúplas. Com efeito, considero ambas como modos abreviados de falar criados por ficções da mente, aptas para o cálculo, assim como o são as raízes imaginárias da álgebra. Demonstrei, por vezes, que essas expressões são de grande utilidade para abreviar o pensamento e, portanto, para a invenção; e que elas não podem conduzir ao erro, pois bastaria substituir o infinitamente pequeno por alguma coisa tão pequena quanto se queira, de modo que o erro seria menor do que o que é dado; do que se segue que não pode se dar o erro. O Reverendo Padre Gouye, que levantou objeções, parece não ter entendido inteiramente minha opinião.

Para passar agora das ideias da geometria às realidades da física, sustento que a matéria está atualmente fracionada em partes menores do que qualquer parte dada, ou que não há nenhuma parte dela que não esteja atualmente subdividida em outras que exercem movimentos diferentes. Isso é postulado pela natureza da matéria e do movimento, e pela estrutura completa das coisas, por razões físicas, matemáticas e metafísicas.

Quando digo que não há nenhuma parte da matéria que não contenha mônadas, ilustro a coisa pelo exemplo do corpo humano ou de outro animal, do qual qualquer parte, sólida e fluida, contém por sua vez outros animais e plantas. E isso, julgo, deve ser dito novamente sobre qualquer parte destes viventes, e assim por diante ao infinito.

Julgo que nenhuma Enteléquia está afixada a uma parte específica da matéria (a saber, a segunda) ou, o que dá no mesmo, a certas outras Enteléquias parciais. Pois a matéria muda como um rio, ao passo que a Enteléquia permanece enquanto a máquina subsiste. A máquina possui uma Enteléquia que lhe é adequada, e esta máquina contém outras máquinas de fato inadequadas à enteléquia primária, mas, todavia, dotadas de enteléquias próprias que lhes são adequadas e separáveis do todo anterior. A Escola também admite corretamente as formas parciais. É por isso que a

les admittit. Itaque eadem materia substat pluribus formis, sed diverso modo pro ratione adaequationis. Secus est si intelligas materiam primam seu τὸ δυνάμικὸν πρῶτον παθητικὸν, πρῶτον ὑποκείμενον id est potentiam primitivam passivam seu principium resistentiae, quod non in extensione, sed extensionis exigentia consistit, entelechiamque seu potentiam activam primitivam complet, ut perfecta substantia seu Monas prodeat, in qua modificationes virtute continentur. Talem materiam, id est, passionis principium perstare suaeque Entelechiae adhaerere intelligimus; atque ita ex pluribus monadibus resultare materiam secundam, cum viribus derivatis, actionibus, passionibus; quae non sunt nisi entia per aggregationem, adeoque semimentalia, ut iris aliaque phaenomena bene fundata. Caeterum vides, hinc non putandum, Entelechiae cuivis assignandam portionem materiae infinite parvam (qualis nec datur) etsi in tales conclusiones soleamus ruere per saltum. Comparatione utar: finge circulum, et in hoc describe tres alios maximos quos potes Circulos inter se aequales, et in quovis novo circulo, et inter Circulos interstitio, rursus tres maximos aequales Circulos, quos potes, et sic finge in infinitum esse processum; non ideo sequetur dari circulum infinite parvum, aut dari centrum, quod circulum habeat proprium, cui (contra hypothesin) nullus alius inscribatur.

Quod statuo non interire Animam animalque, rursus comparatione explicabo. Finge animal se habere ut guttam olei, et animam ut punctum aliquod in gutta. Si jam delletur gutta in partes, cum quaevis pars rursus in guttam globosam abeat, punctum illud existet in aliqua guttarum novarum. Eodem modo animal permanebit in ea parte, in qua anima manet, et quae ipsi animae maxime convenit. Et uti natura liquidi in alio fluido affectat rotunditatem, ita

mesma matéria subsiste sob diversas formas, mas de um modo diferente em função da adequação. É o contrário se entendeis a matéria primeira, a τὸ δυναμικὸν πρῶτον παθητικὸν, πρῶτον ὑποκείμενον, isto é, a potência passiva primitiva, ou o princípio de resistência, que não consiste na extensão, mas na exigência de extensão, e que completa a enteléquia ou a potência ativa primitiva – o que produz a substância completa ou mônada, na qual as modificações estão virtualmente contidas. Entendemos que tal matéria, isto é, o princípio da paixão, permanece e se liga à sua Enteléquia; e que assim de uma multiplicidade de mônadas resulta a matéria segunda com as forças derivadas, ações e paixões, que nada são senão seres por agregação e, portanto, semi-mentais, como o arco-íris e outros fenômenos bem fundados. Vedes de resto que não se deve julgar a partir disso que uma porção infinitamente pequena da matéria (que não é dada) deve ser atribuída a qualquer enteléquia, ainda que geralmente nos precipitemos para tais conclusões por um salto. Vou usar uma comparação: imagine um círculo; desenhe nele outros três círculos de tamanhos iguais e tão grandes quanto possível, e em qualquer novo círculo e no espaço entre os círculos desenhe novamente os três círculos de tamanhos iguais e tão grandes quanto possível, e imagine proceder desta maneira infinitamente; não se segue disso que se dê um círculo infinitamente pequeno ou que se dê um centro com seu próprio círculo no qual (ao contrário da hipótese) nenhum outro está inscrito.

Quanto à minha afirmação de que a alma e o animal não perecem, explico novamente por meio de uma comparação. Imaginai que o animal se apresente como uma gota de óleo e a alma como qualquer ponto da gota. Se a gota for agora dividida em partes, o ponto existirá em uma das novas gotas, já que qualquer parte por sua vez se transforma em uma gota esférica. Do mesmo modo, o animal permanecerá na parte onde a alma se mantém, e que melhor convém à mesma alma. E assim como a natureza do líquido em qualquer fluido visa a esfericidade, também a natureza da matéria cons-

natura materiae a sapientissimo auctore constructae semper affectat ordinem seu organizationem. Hinc neque animae neque animalia destrui possunt; etsi possint diminui atque obvolvi, ut vita eorum nobis non appareat. Nec dubium est ut in nascendo ita et in denascendo naturam certas leges servare, nihil enim divinorum operum est ordinis experts. Praeterea qui considerat sententiam de conservatione animalis, considerare etiam debet, quod docui, infinita esse organa in animalis corpore, alia aliis involuta, et hinc machinam animaleam et in genere machinam naturae non prorsus destructibilem esse.

Cum dixi omnem potentiam esse active motricem, intellexi haud dubie potentiam activam, et indicare volui, semper actionem aliquam actu sequi ex potentia conatum involvente, etsi contrariis aliarum potentiarum conatibus refractam.

Causae secundae agent, si nullum sit impedimentum positivum; imo, etsi adsit ut dixi, quamvis tunc minus agant.

Ais substantiam unam, si sola poneretur, habituram infinitas actiones simul, quia nil impediat. Respondeo etiam nunc, ubi impeditur, eam infinitas actiones simul exercere: nam ut jam dixi, nullum impedimentum actionem prorsus tollit. Nec mirum est, quod substantia quaevis infinitas exercet actiones ope partium infinitarum diversos motus exercentium; cum quaevis substantia totum quodammodo repraesentet universum, prout ad ipsam refertur; et quaevis pars materiae a quavis alia aliquid patiat. Sed non putandum est, ideo, quia infinitas exercet actiones, quamlibet actionem, et quamlibet aequae exercere, cum unaquaeque substantia determinatae sit naturae. Unam autem substantiam solam existere ex iis est, quae non conveniunt divinae

truída pelo autor mais sábio sempre visa a ordem ou organização. Portanto, nem as almas nem os animais podem ser destruídos, embora possam ser diminuídos e encobertos, de modo que a vida deles não seja aparente para nós. Nem há dúvida de que no nascimento como também no falecimento a natureza observa certas leis: pois nada nas obras divinas é privado de ordem. Além disso, quem leva em consideração a doutrina da conservação animal também deve considerar o que ensinei: que são infinitos os órgãos no corpo animal, envolvidos uns nos outros, e assim uma máquina animal e de modo geral uma máquina da natureza não é totalmente destrutível.

Quando eu disse que toda potência é ativamente motriz, sem dúvida entendi a potência ativa, e queria indicar que sempre alguma ação se segue de uma potência que envolve um esforço, por mais que seja impedida por esforços contrários de outras potências.

As causas secundárias agem se não houver nenhum impedimento positivo; ou antes elas agirão, como eu disse, mesmo se ele estiver presente, embora nessa ocasião ajam menos.

Vós afirmais que uma única substância, se fosse colocada sozinha, teria ações infinitas simultaneamente, já que nada a impediria. Eu respondo agora que mesmo quando há impedimento, ela exerce ações infinitas simultaneamente; pois, como já disse, nenhum impedimento remove completamente uma ação. E não é de se admirar que qualquer substância exerça ações infinitas com o auxílio de partes infinitas exercendo vários movimentos; visto que qualquer substância representa o universo inteiro de alguma maneira, conforme ele se relaciona com ela, e que qualquer parte da matéria é afetada de alguma forma por todas as outras. Mas não se deve julgar que, porque ela exerce ações infinitas, exerce qualquer ação, e toda ação igualmente, porque cada substância é de uma natureza determinada. No entanto, uma única substância existindo sozinha faz parte das coisas que não convêm à sabedoria divina; portanto, não será feita, embora possa ser feita.

sapientiae; adeoque non fient, etsi fieri possint.

Paragraphi postremae, cujus initium est: *Sola anima in homine libera est* etc, non satis scopum percipio. Quod anima non volvendo, id est qua spiritualis seu libera est, sed ut Entelechia corporis primitiva, adeoque non nisi secundum Leges Mechanicas influat in actiones corporis, jam monui literis praecedentibus. In Schedis autem Gallicis de Systemate Harmoniae praestabilitae agentibus, Animam tantum ut substantiam, non ut simul corporis Entelechiam consideravi, quia hoc ad rem, quam tunc agebam, ad explicandum nimirum consensum inter corpus et Mentem non pertinebat; neque aliud a Cartesianis desiderabatur. Praeterea ad actiones mechanica lege exercitas non Entelechia tantum adaequata corporis organici, sed omnes etiam concurrunt Entelechiae partiales. Nam vires derivativae cum suis actionibus sunt modificationes primitivarum, quod in Latinis meis cum Sturmio collationibus explicatum est, alterumque alteri conjungi debet.

Intelligis, plerisque objectionibus facile satisfieri, si ad leges formae revocentur. Rem ipsam autem tum maxime patere arbitror, cum in Breviario totius doctrinae conspectus aliquis ob oculos ponitur, qui haberi potest, licet nondum omnes difficultates ad vivum resectae habeantur, cum potius illa ipsa collatione maxime tollantur. Ut taceam vulgo salvis multis difficultatibus systemata stare. Tali ergo operae manus admoliri fructuosissimum putem, et tum appariturum, quid adhuc potissimum desideratur.

Ptolemaeum nostrum sibi gratulari puto, quod honor ei sine onere obtigit, nam publice dignus habitus est qui eligeretur. Opus ejus quod mutuo dederas, pro quo multas gratias ago, prout jussum erat misi Ro. Patri vestri Ordinis,

Não compreendo suficientemente o propósito do último parágrafo, cujo início é: *só a alma no homem é livre etc.* Já observei em minha carta anterior que a alma não influencia as ações do corpo direcionando-as, isto é, como algo espiritual ou livre, mas sim como uma Enteléquia primitiva do corpo e, portanto, apenas segundo leis mecânicas. Por outro lado, nas páginas que escrevi em francês em que trato do Sistema de Harmonia Prestabelecid^{as}, considerei a alma apenas como uma substância, e não simultaneamente como uma Enteléquia do corpo, uma vez que isso não era pertinente ao assunto com o qual eu estava então preocupado, a saber, a explicação do acordo entre o corpo e a mente; e os cartesianos não esperavam nada mais. Além disso, não apenas a enteléquia adequada do corpo orgânico, mas também todas as enteléquias parciais, concorrem para as ações que são exercidas segundo a lei mecânica. Pois as forças derivativas com suas ações são modificações das [forças] primitivas; o que expliquei em minha disputa em latim com Sturm, e os dois escritos devem ser reunidos.

Vós entendeis que muitas objeções são facilmente satisfeitas se são submetidas às regras formais. No entanto, considero que a coisa é maximamente patente quando, graças a um Sumário, é colocado diante de nossos olhos um vislumbre de toda a doutrina, o que pode ser feito mesmo que todas as dificuldades ainda não pareçam ter sido inteiramente suprimidas, embora, nesta mesma comparação elas sejam maximamente reduzidas. Apesar de me silenciar [sobre elas] para o vulgo, salvo muitas dificuldades, o sistema se sustenta. Portanto, eu julgo que seria muito fecundo fazer esforços para tal trabalho, de modo que pudesse então aparecer o que até agora tem sido desejado acima de tudo.

Julgo que nosso Tolomei esteja contente com o fato de que recebeu honra sem obrigação, pois foi universalmente considerado digno de ser eleito. Enviei, a vosso pedido, ao Reverendo Padre de vossa Ordem que está aqui de visita às sagradas missões, o livro de Tolomei que me emprestastes,

qui hic vestra sacra obit. Quod superest vale et fave.

Dabam Hanoverae 11 Martii 1706.

Deditissimus

Godefridus Guilielmus Leibnitius

PS. Cum tempestas in melius mutata videatur, hodie Brunsvigam mox rediturus sum. 17 Martii 1706. Literas rectius accipio si vecturae ordinariae Hanoveranae, quam si Magistro Postarum Caesareo committantur. Vectura ter minimum per septimanam com meat ultro citroque.

pelo qual agradeço muito. Ademais, vos desejo saúde e vosso favor.

De Hanôver, 11 de março de 1706.
Incondicionalmente a vosso dispor,
Gottfried Wilhelm Leibniz.

PS. Como o tempo parece estar melhorando hoje, voltarei a Brunsvique muito em breve. 17 de março de 1706. Recebo cartas enviadas pelo transporte comum de Hanôver melhor do que as entregues ao correio imperial. O transporte sai pelo menos três vezes por semana nos dois sentidos.

1. Leibniz responde à carta de 25/01/1706 de Des Bosses. De modo geral, o jesuíta anuncia que Tolomei está dentre os escolhidos de Roma para ser sucessor do Tirso Gonzáles no cargo de Superior Geral da Ordem jesuíta. Des Bosses aproxima as perspectivas filosóficas de Tolomei e de Aristóteles com as de Leibniz, principalmente a noção de forma substancial e nota que a noção leibniziana de enteléquia tem grande utilidade para a reconciliação da Filosofia Antiga e com a Moderna. Nesta carta o padre também faz uma objeção a respeito da força ativa. Ele questiona: se a força se situa ela mesma no esforço de agir que age sempre a menos que seja impedida pelo esforço de outra força, como essa tese pode ser conciliada com a necessidade do concurso imediato divino em qualquer ação da criatura? Segundo ele, se a ação das criaturas requer o concurso divino, o esforço de que fala Leibniz aproxima-se da noção escolástica de *potência de agir* que pode ser modificado por outras ações. Se for assim, corre-se o risco ou de negar o influxo imediato de Deus nas ações das criaturas, ou de torná-lo indistinguível da própria força das criaturas. Des Bosses destaca que essa ideia não está de acordo com os princípios das escolas católicas, tampouco com as dos protestantes e menciona Sturm como exemplo do lado protestante. Essa crítica, segundo ele, tem como intuito tentar acomodar as noções leibnizianas e aristotélicas (sobre a substância) aos dogmas da Igreja Católica. Por último, ele sustenta que a filosofia peripatética pode ser reduzida a princípios metafísicos.

2. Referência ao opúsculo *De ipsa natura* publicado nos *Acta Eruditorum* em setembro de 1698. Uma tradução deste opúsculo foi publicada nos *Cadernos Espinosanos* 43, dez. 2020.

3. Leibniz responde à carta de 12/02/1706 de Des Bosses. O padre apresenta 5 axiomas que acredita fundamentais para a filosofia aristotélica: 1. Ser e um são recíprocos. 2. O contínuo é infinitamente divisível. 3. Não há infinito em ato na natureza. 4. A unidade é o princípio do número. 5. Nas causas

e nos princípios não se dá progressão ao infinito, mas sempre se dá algum ponto de parada. Ele nota que esses axiomas estão em consonância com a filosofia de Leibniz, mas questiona se o filósofo aceita o infinito em ato. Ainda a respeito do concurso divino sobre as ações das criaturas, tema da carta anterior, ele nota que os Escolásticos normalmente atribuem à palavra “potência” o significado de um poder necessário e que age quando todos os pré-requisitos para a ação são dados. Dito isso ele propõe que Leibniz esclareça os seguintes pontos:

- 1) Como conceber o movimento violento na natureza, já que ele é algo extrínseco e de acordo com o sistema leibniziano toda ação é interna?
- 2) Se o movimento consiste na mesma força que tende à mudança, então a forma ou a força nada efetua, pois ela mesma é uma força que tende à mudança.
- 3) Há uma verdadeira unidade substancial, por exemplo, na água que está contida em uma urna?
- 4) As formas inanimadas produzem alguma coisa na matéria? Se produzem, o que impede uma alma racional de produzir alguma coisa no corpo, já que há um acordo entre sua própria atividade e das outras formas na matéria? Todas elas são enteléquias, a única diferença é que a alma tem o atributo da racionalidade. Por outro lado, se não produzem, será preciso conceder que a atividade do movimento seja dada pela própria matéria. Por último, o jesuíta menciona as demonstrações de Leibniz em *De ipsa natura* assentindo que de fato, se não admitirmos nada na natureza além de matéria uniforme, figura e movimento, então nenhuma variedade poderá ser observada nas coisas.

4. Leibniz responde à carta de 02/03/1706 de Des Bosses. De modo resumido, ela contém as seguintes objeções:

- 1) A fração de uma unidade é um ente matemático que resulta de uma abstração mental. Qualquer parte da matéria existe, logo, qualquer parte dela ou é una ou é múltipla. Se é múltipla, a parte da parte é una, pois não há multiplicidade sem unidade. Aquilo que é uno não é múltiplo, logo, na

medida em que subjaz uma enteléquia na matéria, ela [a matéria], não é múltipla em ato.

2) É necessário admitir na natureza o infinito atual em magnitude e portanto também da multiplicidade? O padre nota que Tolomei nega o primeiro mas afirma o segundo. Ele pede que Leibniz se posicione com relação ao Reverendo e que exponha quais são os argumentos dados por aqueles que negam o infinito atual.

3) Na discussão sobre o Cálculo infinitesimal, Leibniz parece afirmar que não é preciso tomar o infinito a rigor. Nos escritos sobre a Dinâmica, ao falar dos infinitos graus do ímpeto, Leibniz parece indicar que os entes matemáticos não se encontram na natureza, trata-se antes de abstrações úteis que permitem estimativas precisas. Isso leva Des Bosses inferir que o infinito de que Leibniz fala está restrito ao sincategoremático. Ele questiona: o que nos impede de transferir o que é dito sobre os graus de ímpeto para uma infinidade de substâncias? Seria possível afirmar e explicar a plenitude do mundo, a divisibilidade uniforme da matéria e as leis do movimento variável sem assumir um infinito atual?

4) Quando se diz que não há parte de uma substância corpórea, nem mesmo uma parte de uma parte, que não contenha mônadas, isso significa que a mesma matéria é informada por muitas enteléquias ao mesmo tempo, ou que diferentes partes da matéria são informadas por diferentes enteléquias, uma a uma, sem que haja submissão de alguma por muitas? Ele propõe também que se discuta a relação dessas enteléquias com a matéria que pode ser dividida ao infinito enquanto as primeiras não.

5) Uma vez que os animais irracionais não perecem, pois, se assim fosse, suas almas imperecíveis ficariam inúteis na natureza, o que aconteceria se as partes de uma máquina orgânica, às quais as almas estão fixadas, fossem separadas umas das outras?

6) Se uma potência sempre é dada como ativamente motriz, tal como sustentado em *De ipsa natura*, o que ocorre com a matéria que é uma potência passiva?

7) As causas secundárias agem se nenhum impedimento estiver presente. Esses impedimentos são negativos ou positivos?

8) Se só fosse dada uma única substância corpórea constituída de matéria e enteléquia, ela pressuporia ações simultaneamente infinitas porque não haveria nenhum impedimento positivo nem razão para supor menos ações, ou uma em vez de outra.

9) Só a alma do homem é livre; portanto, sua máquina orgânica produz seu movimento livre ou espontâneo por ocasião de um movimento espiritual produzido pela alma, mas a ocasião não o induz como causa, mas como condição.

5. Referência ao *Sistema Novo da Natureza e da comunicação das substâncias* publicado no *Journal des Savants* em 1695.